
O fechamento da porta da graça: breve fundamentação bíblica a partir do livro de apocalipse

EZEQUIEL GOMES¹

Este artigo apresenta uma breve fundamentação bíblica sobre o conceito conhecido na teologia adventista do sétimo dia como o “fechamento da porta graça” escatológico e universal. O artigo oferece um panorama bíblico geral sobre esse conceito estruturado a partir daquilo que Ellen G. White fala a seu respeito, especialmente a partir do livro de Apocalipse nas seguintes passagens: 8:5; 15:5-8; 16:17 e 22:11. Após uma avaliação da contribuição de cada uma dessas passagens para essa ideia, o artigo acrescenta considerações sobre Apocalipse 14:9-12 concluindo que o conceito de um “fechamento da porta da graça” escatológico e universal tem fundamento bíblico no livro de Apocalipse.

Palavras-chaves: Fechamento da porta da graça; Apocalipse; Escatologia.

This article presents a brief biblical defense of the concept known in the Seventh-day Adventist theology as an eschatological and universal “close of probation”. The article offers a general overview of this biblical concept structured from what Ellen G. White talks about it, especially from the book of Revelation in the following passages: 8: 5; 15: 5-8; 16:17 and 22:11. After an evaluation of the contribution of each of the above cited passages to this idea, the article adds considerations about Revelation 14:9-12 concluding that the concept of an eschatological and universal “close of probation” has biblical foundation in Revelation.

Keywords: Close of probation; Revelation; Eschatology.

.....
¹ Pós-graduado em teologia bíblica pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo, campus Engenheiro Coelho. Capelão e professor de Ensino Religioso na Escola Adventista Marechal Rondon, Porto Alegre-RS. E-mail: ezeksalt@hotmail.com



O livro de Apocalipse se concentra, em grande medida, na ideia do “término da história humana”, quando finalmente Deus estabelecerá um fim à presente ordem de coisas e introduzirá o seu reino eterno (JOHNSSON, 2011, p. 875).² Porém, em vez de lidar somente com os momentos que antecedem imediatamente o retorno de Jesus, ao estudarmos “a revelação de Jesus Cristo” (Ap 1:1), “o livro desta profecia” (22:19), entramos em contato com predições importantes sobre desenvolvimentos históricos pelos quais a sociedade humana haveria de passar na medida em que o grande conflito avançasse para seus capítulos finais.³

A teologia da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) foi amplamente moldada a partir de uma perspectiva construída sobre o livro do Apocalipse, interpretado em moldes historicistas. De acordo com essa compreensão, seu conteúdo pode/deve ser compreendido como fazendo referências, de um ponto de vista profético, ao período da história humana situada desde a própria data de produção do livro (ver Ap 1:11) até a consumação final de suas predições no estabelecimento do Reino de Deus (Ap 21:1-5). George Knight (2010, p. 15) nos relembra que os pioneiros adventistas “eram impulsionados por uma visão [...] que provinha diretamente do centro do livro de Apocalipse”.

É fato que alguns ensinamentos fundamentais da teologia adventista estão fortemente presentes no livro de Apocalipse, como, por exemplo, as alusões ao santuário celestial (Ap 7:15; 11:19; 14:15, 17; 15:5-8; 16:1, 17); à necessidade de obediência aos mandamentos de Deus no contexto do grande conflito em torno da ideia da “adoração” (Ap 12:17; 13:4, 8, 12, 14; 14:6-12; 22:11); e à segunda vinda de Jesus Cristo a este mundo (Ap 1:7; 19:11-16; 22:17, 20). Além desses ensinamentos adventistas essenciais, a noção de um “fechamento da porta da graça” universal e escatológico também foi uma ideia desenvolvida a partir do livro de Apocalipse no adventismo. Ellen G. White ensinou esse conceito usando, dentre outros textos bíblicos, os textos de Apocalipse 8:5; 15:5-8; 16:17 e 22:11.

Para os objetivos deste artigo, os contornos essenciais do que significa um “fechamento da porta da graça” universal e escatológico no pensamento adventista serão retirados a partir da obra de Ellen G. White e designam um momento histórico quando: 1) “Cristo conclui sua obra no santuário” celestial (WHITE, 1988, p. 36), “deixa o Lugar Santíssimo” de tal santuário (WHITE, 1858, p. 134), “não mais pleiteia a favor dos homens, [...] cessando sua intercessão no Céu” (WHITE, 1855, p. 191), terminando, assim, o “juízo pré-advento/investigativo” (WHITE, 1988, p. 280); 2) “os casos de todos estão [definitivamente e antecipadamente] decididos para a vida ou para

.....

² Artigo apresentado no X Simpósio Bíblico-teológico, realizado pelo Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia, em julho de 2013, no Chile.

³ Ver Ap 1:1-3; 6:1-17; 8:7-21; 11:15-18; 13:1-18; 14:14-20; 16:1-21; 17:3-18; 18:4-24; 19:11-21; 20:11-15; 21:1-8; 22:1-7, 10-15, 20.



a morte” (WHITE, 2001, p. 490), “não há apelação da sentença”, ela é “irrevogável” (1985, p. 82) e “a porta da graça está fechada para todo o sempre” (WHITE, 2000, p. 636); 3) “a misericórdia não mais pleiteia em favor dos culpados” (WHITE, 2001, p. 613), “não mais há sangue expiatório para purificar do pecado” (WHITE, 1997, p. 201), de forma que “o tempo de graça [isto é, a oportunidade de salvação], daqueles que escolheram uma vida de pecado e negligenciam a salvação oferecida, termina no momento em que a ministração celestial de Cristo chega ao fim” (1855, p. 691); 4) os santos, por sua vez, precisam alcançar “perfeição de caráter” antes que o fechamento da porta da graça ocorra, ou estarão perdidos para sempre (WHITE, 1855, p. 355), e, após o fechamento da porta da graça, “deverão viver à vista de um Deus santo sem intercessor/mediador” com um caráter “livre/liberto de pecado” (WHITE, 1969, p. 99); 5) o fechamento da porta da graça é marcado pelo “decreto” contido em Apocalipse 22:11 (WHITE, 2006, p. 454), o qual ocorre antes da segunda vinda de Jesus Cristo (WHITE, 2001, p. 490) e, após esse evento, se inicia um período de extrema angústia na experiência humana que culmina na segunda vinda de Jesus (WHITE, 1992, p. 259).

Críticos de dentro e de fora do adventismo do sétimo dia, porém, questionam a dependência de Ellen G. White quanto a esse conceito. Portanto, neste artigo buscaremos identificar até que ponto o livro de Apocalipse fundamenta essa estrutura de pensamento teológico adventista, com o objetivo de esclarecer se realmente existe um conceito bíblico por detrás da noção de um “fechamento da porta da graça” universal e escatológico.

O fechamento da porta da graça: um conceito bíblico?

Antes de nos determos nas contribuições específicas do livro de Apocalipse para o conceito de um “fechamento da porta da graça” universal e escatológico, é importante identificar resumidamente os fundamentos e pressuposições mais amplos dessa doutrina adventista a partir da Bíblia de forma mais geral.

A compreensão de que Cristo ministra em favor da humanidade a partir do santuário celestial é apresentada no texto bíblico. Em Hebreus 9:11, Cristo é designado como “sumo sacerdote dos bens já realizados, mediante o maior e mais perfeito tabernáculo, não feito por mãos, quer dizer, não desta criação”. Nesse mesmo contexto, Ele é chamado de mediador (Hb 9:15), e em outros contextos semelhantes designado como um sacerdote que exerce um “sacerdócio imutável” com função intercessora (Hb 7:24-25; ver Is 53:12; Rm 8:34).

A ideia de que Cristo possui um ministério celestial bifásico, representado didática e profeticamente nas ministrações que ocorriam no Lugar Santo (serviço



diário) e no Lugar Santíssimo (serviço anual) do santuário terrestre, surge do raciocínio bíblico segundo o qual os ministros do santuário, construído por Moisés sob direção expressa de Deus, ministravam “em figura e sombra das coisas celestes” (Hb 8:5; ver Ex 25:40). Essa conclusão provê o fundamento para a compreensão adventista de que Cristo está exercendo a última fase de seu ministério expiatório após 1844, baseando-se nas profecias de Daniel 8:13-14 e 9:20-27 referentes ao “Lugar Santíssimo” do santuário celestial, de onde Ele sairá para “castigar a iniquidade dos moradores da terra” (Is 26:21).

A doutrina de um “juízo investigativo pré-advento” está estabelecida sob as conclusões doutrinárias que surgem da cena de juízo em Daniel 7:9-14, e do fato de que, no momento da segunda vinda de Jesus, a humanidade já estará julgada em certo sentido e dividida entre eternamente salvos e eternamente perdidos.⁴

O conceito de que a oportunidade de salvação (“tempo de graça”) se esgota e chega a um fim está baseado no fato de que o oferecimento da vida eterna como um dom da graça de Cristo, a ser apropriada/aceita pela fé pelo pecador, não mais representa uma possibilidade real de salvação na vida daqueles que cometem o pecado imperdoável (Mc 3:29; Lc 12:10) ou daqueles que morrem (selando seu destino eterno de forma definitiva, ver Lc 16:19-31, Ec 9:4-10) numa atitude consciente de rebelião, rejeição e desobediência ao evangelho (2Ts 1:8; Hb 6:4-8; 10:26-31; 1Pe 4:17-18).

A concepção de que o sangue expiatório deixa de estar “disponível” para purificar pecados, no fim da história humana, surge da compreensão de que o ritual do santuário terrestre, que tipificava o ministério celestial de Cristo no santuário celestial (Hb 8:5), prescrevia um tempo determinado para que a expiação por meio do sangue fosse realizada em favor do pecador penitente (Lv 16:29-30, 34). Além desse limite, a pessoa que não participasse da expiação se afligindo pelo pecado seria “eliminada do seu povo” (Lv 23:29). Isso indica uma dinâmica espiritual segundo a qual a expiação deve ser realizada até um tempo determinado por Deus, “o ano aceitável do Senhor” (Is 61:2; Lc 4:19), além do qual cessa a oportunidade de misericórdia para quem não participou desse processo de redenção em tempo oportuno (Hb 4:16) por não ter reconhecido e aproveitado a oportunidade da sua visitação (Lc 19:44).

A ideia de que a sentença proclamada no momento do fechamento da porta da graça é definitiva, inapelável e irrevogável é coerente com algumas indicações bíblicas onde, em contextos históricos distintos, os profetas expressam decisões irrevogáveis da parte de Deus nos seguintes termos: “A sua mão está estendida: quem, pois, a fará voltar atrás?” (Is 14:27); “Não voltará atrás o brasume da ira do Senhor, até que tenha executado e cumprido os desígnios do seu coração” (Jr 30:24); e: “A profecia contra a multidão não voltará atrás” (Ez 7:13).

.....

⁴ Ver Mt 16:27; 24:27-28, 31, 37-44; Lc 9:26; 17:30-37; 1Ts 4:16-17; 2Ts 2:8; 2Tm 4:8; 1Pe 4:17.



O tempo angustioso que envolverá o mundo após o fechamento da porta da graça, nos momentos finais de sua história, é descrito em Daniel 12:1 como “tempo de angústia, qual nunca houve”, e em Jeremias 30:7 como “tempo de angústia para Jacó”.

A necessidade de aperfeiçoamento do povo de Deus é coerente com o propósito do evangelho pregado pelos apóstolos em “apresentar todo homem perfeito em Cristo” (Cl 1:28). Tiago ensina que as tribulações existem para que todos se tornem “perfeitos e íntegros, em nada deficientes” (Tg 1:4), mensagem cujo teor geral remonta ao próprio Cristo (Mt 5:48). Entretanto, a ideia de que a perfeição exigida seja a “perfeição de caráter”, especificamente, indica que não se deve esperar dos cristãos uma perfeição absoluta em todas as dimensões de sua experiência de vida antes da glorificação (ver Fp 3:12; Tg 3:2; 1 Jo 1:8, 10; 1Co 15:51-54), ainda que se reconheça que uma postura de rebelião consciente e deliberada terminará por excluir definitivamente a possibilidade de salvação para cristãos que se tornem indiferentes ou infieis à mensagem da cruz e vivam “em pecado” (Hb 6:4-6; 10:26-31; 1 Jo 3:1-10).

Percebe-se, a partir das linhas de raciocínios apresentadas acima, que o conceito de um “fechamento da porta da graça” é representado mais adequadamente como o resultado de um esforço de teologia sistemática do que como o produto direto da exegese de um ou mais textos bíblicos específicos. Nem por isso a ideia que tal conceito representa deixa de ser coerente com a Escritura, e adiante vamos identificar como o livro de Apocalipse contribui para se estabelecer e/ou solidificar a ideia de um “fechamento da porta da graça” universal e escatológico, a ocorrer antes da volta de Jesus e envolvendo a humanidade como um todo. Como preparo para a realização desse esforço, passaremos a identificar brevemente como Ellen G. White usou os textos do livro de Apocalipse em seus ensinamentos sobre esse assunto.

Apocalipse 8:5; 15:5-8; 16:17 e 22:11 em Ellen G. White

Ellen G. White conecta os textos de Apocalipse 8:5, 16:17 e 22:11 em uma mesma revelação a respeito do “fechamento da porta da graça” dizendo:

Então, vi Jesus, que estivera ministrando diante da arca, a qual contém os Dez Mandamentos, *lançar o incensário*. Levantou as mãos e com grande voz disse: “*Está feito.*” E todo o exército dos anjos tirou suas coroas quando Jesus fez a solene declaração: “Quem é injusto, faça injustiça ainda; e quem está sujo, suje-se ainda; e quem é justo, faça justiça ainda; e quem é santo, seja santificado ainda” (Ap 22:11) (WHITE, 1988, p. 279-280, grifo nosso).

Somente o texto de Apocalipse 22:11 está citado explicitamente no texto acima, mas certamente a atitude de Cristo em “lançar o incensário” é retirada de 8:5, e a frase: “Está feito”, corresponde à expressão registrada em 16:17.

Ellen G. White, por vezes, não cita explicitamente em seu texto a passagem bíblica que sublinha a ideia que ela está expressando. Tal prática se reflete extensamente no uso que ela faz, por exemplo, de Apocalipse 15:8, que serve para fundamentar a ideia do fim da intercessão celestial de Cristo em favor da humanidade. Isso, por sua vez, fundamenta a conclusão de que os santos viverão sem intercessor nos tempos do derramamento das sete pragas e do tempo de angústia de Jacó (ver WHITE, 1915, p. 117; WHITE, 1988, p. 36-37, 71; WHITE, 2001, p. 614).

Na mesma direção identificada acima, Ellen G. White faz uso da frase “lançar o incensário”, retirada de Apocalipse 8:5 e usada para designar o tempo do fim do tempo da graça, em um sentido escatológico e universal (WHITE, 1947, p. 402; WHITE, 1988, p. 279-280). Além disso, ela conecta a expressão “Está feito” em Apocalipse 16:17 com a frase “Está consumado” em João 19:30 para se referir ao fechamento da porta da graça universal e escatológico. A partir de agora, vamos nos dedicar a analisar os textos do livro de Apocalipse a fim de identificar o sentido e as implicações deles para o conceito com o qual estamos lidando neste artigo.

52

Apocalipse 8:5; 15:8; 16:17 e 22:11 e o fechamento da porta da graça

Nesta seção, vamos avaliar a contribuição dos textos de Apocalipse 8:5; 15:8; 16:17 e 22:11 para o conceito central do nosso estudo.

Apocalipse 8:5

O texto de Apocalipse 8:5 diz: “E o anjo tomou o incensário, encheu-o do fogo do altar e o atirou à terra. E houve trovões, vozes, relâmpagos e terremoto.” O texto em seu contexto imediato (8:3-5) é claramente um interlúdio entre 8:2 e 8:6, e serve de transição entre o sétimo selo (8:1) e a revelação das sete trombetas (8:7-9:21; 11:15-19). Beale (1999, p. 454) diz que os versos 2-5 de Apocalipse 8 “servem como transição parentética tanto concluindo os selos como introduzindo as trombetas”. Essa perspectiva abre uma série de possíveis relações entre esse texto (8:3-5) e aqueles anteriores (os selos) e posteriores (as trombetas).

A imagem do “altar” conecta 8:3-5 ao texto precedente 6:9-11. A ideia principal é que 8:3-5 indica que o clamor dos mártires agora será respondido de forma definitiva por Deus. O próprio silêncio descrito no sexto selo (8:1) pode, então, ser interpretado



como se referindo à expectativa dos anjos no Céu para ouvir a resposta divina às orações do povo de Deus, o que vem em forma de vindicação dos santos e juízo final contra seus perseguidores. Em harmonia com essa interpretação, Beale (1999, p. 461) indica que a cena em 8:3-5 é sequência da cena do juízo final a partir de onde ela tinha parado em 6:17. Tais relações com os textos precedentes podem indicar que a atitude do anjo em 8:5 tem que ver com os momentos finais do juízo divino. Esse fato, na mentalidade adventista, pode se encaixar bem com a visão de um “fechamento da porta da graça” escatológico e universal, especialmente diante da implicação de que 8:5 pressupõe a finalização do processo descrito em 8:3-4.

O maior problema com a visão descrita acima é que a cena completa de 8:3-5 aparentemente também serve como introdução ao texto posterior, às sete trombetas e, por isso, alguns defendem que tal posição na estrutura do texto torna relativamente claro que os juízos das trombetas não começam até depois de terminada a cena em 8:5. Beale (1999, p. 461-62) resume a problemática afirmando que

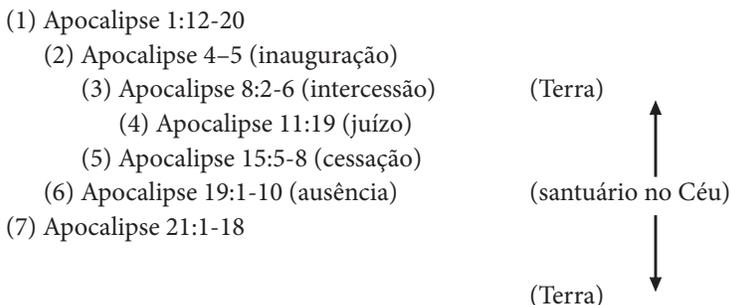
provavelmente é melhor perceber a referência em 8:3-5 aos textos precedentes como a continuação da cena do juízo final em 6:12-17 e 8:1. [...] Mas, como 8:3-5 se relaciona com o que vem a partir de 8:6? Como um interlúdio que não indica primeiramente uma relação temática, mas literária, que funciona como uma transição de uma série de setes [selos] para a outra [trombetas]. Quaisquer que sejam as relações temáticas existentes [entre 8:3-5 e as sete trombetas], elas devem se referir de alguma forma à relação entre as trombetas e as orações dos santos pela punição de seus perseguidores em 6:9-11, o que é fortemente aludido em 8:3-5. Dessa maneira, o interlúdio funciona de forma dupla: primeiramente ele dá continuidade à descrição do juízo final como resposta às orações dos santos, mas secundariamente demonstra que a inteira série das trombetas também é uma resposta divina às petições dos santos.

A concepção de que as próprias trombetas são respostas divinas ao clamor descrito em 6:9-11 também está presente em Stefanovic (2002, p. 277), onde se diz que “o soar das setes trombetas é uma série de intervenções de Deus em resposta às orações dos santos [6:10]”. O autor, porém, limita-se a considerar 8:3-5 “como servindo de introdução ao tocar das trombetas, [...] provendo a chave para sua interpretação” (STEFANOVIC, 2002, p. 283), e não entra em detalhes sobre qualquer relação da



passagem com os selos ou alguma possível relevância da cena para descrever algum aspecto do “juízo final” em continuação às cenas em 6:9-17 ou 8:1.

Paulien (2004, p. 132), por sua vez, provê uma estrutura literária das cenas de introdução relativas ao santuário por todo o livro de Apocalipse na seguinte forma:



A seção que contém 8:3-5 é identificada por ele como “tendo foco especial na intercessão” (PAULIEN, 2004, p. 129), o que inclui também a perspectiva do “fim da intercessão” em 8:5, antecipando 15:5-8, seu texto paralelo na estrutura quiástica fornecida.

O “anjo” descrito nessa passagem é interpretado, mesmo por alguns teólogos não adventistas, como sendo o próprio Cristo, em função de suas atitudes intercessoras destacadas (OSBORNE, 2002, p. 338). Stefanovic (2006, p. 81) afirma que o altar referido especificamente em 8:5 é o altar de incenso. Esse altar, no santuário terrestre ficava “diante da arca do testemunho” (Êx 40:5), pertencendo ao Lugar Santo do tabernáculo, mas que ainda assim, o livro de Hebreus posiciona (funcionalmente?) no Lugar Santíssimo (Hb 9:3-4). Beale e McDonough (2014, p. 1.553) dizem que Apocalipse 8:3-5 ecoa Levítico 16:12-13 e Êxodo 30:8-10, “estabelecendo uma conexão direta com o Dia da Expição”. Além disso, o texto de Apocalipse 8:3-5 também é “modelado segundo a linguagem de Ezequiel 10:1-7”. No contexto imediato do texto de Ezequiel, temos as referências ao toque de “trombeta” (7:14), bem como ao “juízo maior no final da história” (BEALE; MCDONOUGH, 2014, p. 1.553-1.554). Juízo este a ocorrer após o selamento dos salvos em 9:3-11.

Assim, o texto é complexo em função de sua posição na estrutura literária do livro, e também por causa da natureza dos temas nele presentes. A quantidade e a qualidade das alusões a temas do AT geram implicações difíceis de serem pesadas hermenêuticamente na hora de oferecer uma interpretação cabal da passagem, mas elementos da doutrina do “fechamento da porta da graça” estão presentes nesse texto e podem ser resumidos da seguinte forma:

1. O nexos com os textos precedentes, especialmente 6:9-17 e 8:1, indica a ligação entre 8:5 e algum aspecto do juízo final;



2. A imagem do anjo, ao atirar o incensário com fogo sobre a Terra (8:5), indica que o processo intercessório descrito em 8:3-4 chegou ao seu fim e deu lugar ao juízo;
3. A interpretação da cena descrita em 8:3-5 como introdução às sete trombetas não necessariamente exclui as conexões cronológicas e temáticas com os sete selos (especialmente o quinto, sexto e sétimo selo);
4. A compreensão de que o texto faz referências a Cristo, ao altar de incenso, ao Dia da Expição e ao juízo divino possibilitam a conclusão de que em 8:5 temos uma descrição do momento do “fechamento da porta da graça” escatológico e universal.

Apocalipse 15:8

O texto de Apocalipse 15:8 diz: “O santuário se encheu de fumaça procedente da glória de Deus e do seu poder, e ninguém podia penetrar no santuário, enquanto não se cumprissem os sete flagelos dos sete anjos.” O texto em seu contexto imediato (15:5-8 [15:2-8]) é claramente, como 8:3-5, um interlúdio, no presente caso entre 15:1 e 16:1. Em 15:1, se fala de um grande e admirável sinal, os sete anjos com os sete flagelos e se antecipa que com esses flagelos “se consumou a cólera de Deus”. Em 16:1, temos o início do derramamento das sete pragas pela Terra uma após a outra.

Apocalipse 15:5 relembra 11:19 de forma bem próxima, ainda que provavelmente os dois textos não estejam falando exatamente do mesmo evento, mas de eventos diferentes a ocorrer no mesmo lugar, o santuário no Céu. Stern (1996 sobre Ap 15:1-8) diz que “o santuário em 15:8 é o mesmo de 11:19 e a referência à fumaça pode ser uma referência ao Lugar Santíssimo do santuário, referindo-se à glória proveniente do Shekiná” (ver BARTON; MUDDIMAN, 2001; Ap 15:5). Os sete anjos vestidos de linho e cingidos com cintas de ouro que estão com os sete flagelos (15:6) são então munidos com sete taças de ouro, cheias da cólera do Deus que vive pelos séculos dos séculos (15:7), e então ocorre a cena descrita em 15:8.

Na Bíblia Hebraica, a ideia de que o santuário terrestre se torna cheia da glória de Deus, impedindo o acesso imediato de seres humanos a Ele, pode ser uma imagem de conotações positivas, de manifestação de misericórdia divina (2Cr 7:2-3). Porém, a mesma imagem pode servir também de veículo para uma mensagem de conotação negativa, de juízo implacável (Ez 9:10-10:4). A imagem também carrega certa referência a Levítico 16:2, onde Deus proíbe que Arão entre no santuário “todo o tempo”, pela razão de que Deus mesmo aparecerá sobre a nuvem do propiciatório.

Em Apocalipse 15:8, a conotação principal da impossibilidade de acesso ao santuário é claramente negativa por sua associação com o cumprimento das pragas. Nesse contexto, Charles (1920, p. 39) afirma que o texto indica que “ninguém poderá reverter a destruição que está a se abater sobre a Terra”. Apocalipse 15:8 ilustra o fim da intercessão de Cristo pelos seres humanos no santuário celestial, pois as taças, antes cheias de orações (Ap 5:8), agora estão cheias da “cólera/ira de Deus” (15:7, ver Is 51:17, 22). A ira divina no livro do Apocalipse é direcionada “aos que habitam sobre a Terra”⁵.

Paulien (2004, p. 130) afirma que, “em Apocalipse 15 e 16, o templo é esvaziado para nunca mais ser usado. [...] A intercessão não está mais disponível. O santuário passou pelas fases de intercessão e juízo, e agora está fechado com o fim dos serviços”. Stefanovic (2002) comenta 15:8 nos seguintes termos: “o fim da intercessão” (p. 39); “a intercessão cessou no santuário celestial” (p. 484); “o destino de cada ser humano foi para sempre fixado” (p. 468); “o fim chegou, e uma linha de demarcação definitiva é posta entre os que seguem a Deus e os que se opõem a ele”, de maneira que os pecadores não arrependidos foram longe demais e não podem mais voltar (p. 498-499); “o tempo de graça se acabou e a intercessão em favor dos pecadores não mais existe”, de maneira que a ira de Deus não misturada com misericórdia e graça é experimentada como consequência de sua resistência e oposição ao evangelho.

A visão acima descrita não é uma interpretação tendenciosa ou exclusivamente adventista do texto em questão, ainda que a teologia adventista tenha uma interpretação mais específica e mais ampla do que a maioria dos cristãos sobre o significado do fim da intercessão no santuário celestial. Por exemplo, Beale (1999, p. 803) afirma que “a indicação de que 15:8 significa que o tempo de intercessão terminou, está correta”, e declara que Apocalipse 15:8-16:21 está construído sobre Ezequiel 9:1-10:6, onde sete anjos punem aqueles que não têm a marca de Deus na sua frente enquanto o templo está cheio da glória do Senhor. Também Aune (2002, p. 878), relacionando 15:8 com 8:5, diz que “o tempo do juízo final chegou, e é muito tarde para um intercessor apresentar orações a Deus para que ele salve o mundo”. Osborne (2002, p. 569) chega

.....

⁵ Lichtenwalter (2011, p. 172-173) diz que “a frase ‘aqueles que habitam sobre a terra’ ocorre com frequência no livro de Apocalipse (3:10; 6:10; 8:13; 11:10; 13:8, 14; 17:2, 8) e em nenhum outro lugar do Novo Testamento. A frase não é tão imparcial quanto aparenta. Não se refere à inteira massa da humanidade nem simplesmente àqueles que vivem no planeta terra. É um termo técnico que sempre descreve os descrentes, os inimigos de Deus”. Osborne (2002, p. 193) acrescenta que “os que habitam sobre a Terra’ são os que mataram os mártires (6:10), que rejeitaram o convite das duas testemunhas ao arrependimento (11:10), que adoraram a besta (13:8, 12), que fazem uma imagem à besta (13:14) e que se embriagam no vinho da prostituição (17:2), que não têm o nome escrito no livro da vida do cordeiro (17:8) e que estão sujeitos à hora da provação (3:10; 8:13)”.



a elencar estudiosos que interpretam 15:8 como significando que o santuário celestial deixa de ser um lugar de intercessão; são eles: Charles Swindoll, F. F. Bruce, Robert Mounce e G. K. Beale. Acrescento à sua lista: David Aune.

Dessa forma, o texto de Apocalipse 15:8 é claro em retratar o fim da intercessão no santuário celestial. Isso é reconhecido por estudiosos sem nenhum compromisso com as compreensões distintas da IASD em torno da questão. As implicações dessa ideia são de amplo alcance dentro da teologia adventista e lidam com inúmeras questões específicas sobre a natureza do grande conflito entre Cristo e a Satanás, entre a lei de Deus e o pecado e entre a adoração humana como voltada para a Trindade divina (Pai, Filho e Espírito) ou para a trindade contrafeita (dragão, besta e falso Profeta). Os pontos mais importantes de nossas considerações podem ser resumidos da seguinte forma:

- ◇ O santuário celestial e seus serviços são retratados como chegando ao seu fim em Apocalipse 15:8;
- ◇ A impossibilidade de alguém “entrar no santuário” após a finalização de seus serviços tem resultados extremamente negativos aos “que habitam sobre a terra”, ou seja, aqueles que particularmente rejeitam a graça e a lei de Deus de forma definitiva;
- ◇ A mesma impossibilidade de que alguém entre no santuário é, na Bíblia Hebraica, também interpretada de forma positiva e em referência à misericórdia divina (2Cr 7:2-3), o que indica que tal momento não deve ser interpretado unicamente em sentido de condenação, mas também de vindicação e misericórdia aos santos (ver discussão a seguir sobre 22:11);
- ◇ Apocalipse 15:8 é um texto que lida especificamente com aquilo que a teologia adventista entende como sendo o “fechamento da porta da graça” escatológico e universal.

57

Apocalipse 16:17

Em Apocalipse 16:17, lemos: “Então, derramou o sétimo anjo a sua taça pelo ar, e saiu grande voz do santuário, do lado do trono, dizendo: Feito está!” Esse verso faz parte da sétima praga (16:17-21) no contexto mais amplo de 16:1-21, o que coloca-o para além do momento em que a porta da graça se fecha na compreensão adventista.



Muitos comentaristas veem relações íntimas entre as sete pragas do Apocalipse com as dez pragas do Egito, descritas em Êxodo 7:14-10:29 e 12:29-36. A indicação de que a sétima praga sai “do ar” pode estar relacionada com a sétima praga que se abateu sobre o Egito e vinha “do céu” (9:22-35). A voz “vinda do santuário, do lado do trono” também ocorre em outros momentos do livro de Apocalipse (19:5; 21:3; ver 16:1) e provavelmente indica que aqui, em 16:17, é o próprio Deus quem está anunciando a consumação das sete pragas, já profetizada em 15:1. Osborne (2002, p. 595) diz que em Apocalipse 16:17 “estamos diante do momento escatológico supremo”, e Beale (2002, p. 840) acrescenta que a frase “Feito está” marca “a realização histórica do propósito das sete pragas”. O grito de consumação é um momento chave no processo iniciado na cruz (Jo 19:30) e que terminará na declaração divina em Apocalipse 21:6, mostrando que a redenção e o juízo são etapas que visam a um objetivo comum: a recriação.

Stefanovic (2002, p. 39) diz que as sete pragas têm vários paralelos com as sete trombetas. A diferença, segundo ele, é que as pragas não são misturadas com misericórdia. Veja o quadro:

58

As sete trombetas		As sete pragas
1ª	A terra (8:7)	A terra (16:2)
2ª	O mar se torna sangue (8:8-9)	O mar se torna sangue (16:3)
3ª	Rios e fontes de água (8:10-11)	Rios e fontes de água (16:4)
4ª	Sol (8:12)	Sol (16:8)
5ª	Escurecimento do sol e do ar (9:2)	Escurecimento do trono da besta (16:10-11)
6ª	Rio Eufrates (9:14)	Rio Eufrates (16:12)
7ª	Grandes vozes (11:15)	Grande voz (16:17)

O texto de Apocalipse 16:17 é, assim como 15:1, uma antecipação da consumação das sete pragas. Após a declaração “Feito está” (16:17), no início do relato da sétima praga, o texto ainda descreve vários eventos a ocorrerem e que não têm um fim determinado estabelecido no próprio contexto (16:18-21). Esses eventos derradeiros, entretanto, serão seguidos cronologicamente pela segunda vinda de Cristo, descrita em 19:11-21. Os textos presentes em Apocalipse 17:1-19:10 são parênteses destinados



a esclarecer mais especificamente o julgamento da meretriz, a queda da grande cidade e a alegria no Céu em direção às visões finais do livro (20:1-22:21).

Em suma, o texto de Apocalipse 16:17 não pertence especificamente ao momento do fechamento da porta da graça, segundo o entendimento adventista, mas àquilo que ocorre algum tempo depois do evento em si. O texto refere-se à consumação da sétima praga, enquanto a porta da graça se fecha antes mesmo do derramamento da primeira praga. Assim sendo, entendemos que o uso de Ellen G. White da frase “Feito está” para demarcar o decreto que estabelece a fixação final que divide a humanidade em dois grupos antes da queda das sete pragas é uma apropriação da expressão escriturística, e não corresponde à defesa de uma exegese específica que implique de maneira nenhuma que o fechamento da porta da graça só ocorra, de fato, durante a sétima praga.

Apocalipse 22:11

O texto de Apocalipse 22:11 diz: “Continue o injusto fazendo injustiça, continue o imundo ainda sendo imundo; o justo continue na prática da justiça, e o santo continue a santificar-se.” Em seu contexto imediato (22:8-13), se ligarmos 22:11 aos versos anteriores (22:8-10), teremos o anjo diante de quem João se prostra como aquele quem fala essas palavras, mas, se fizermos a ligação com 22:12, o próprio Cristo é quem profere tais imperativos. A segunda opção me parece mais congruente com a dinâmica do texto, mas em ambas as interpretações os imperativos são igualmente solenes e têm origem divina.

Beale e McDonough (2014, p. 1.406-1.407) afirmam que, em 22:11, “o anjo apela para a conclusão da profecia de Daniel” (ver Dn 12:10), e acrescentam que, através desse texto, o livro de Apocalipse prediz que “nos últimos dias os falsos membros da comunidade da aliança continuarão a desobedecer às leis de Deus”, enquanto “os santos terão entendimento e discernimento e sua reação será de obediência”. Além da polarização entre infiéis e fiéis, o clima decisivo dessa passagem, em contexto, declara que a volta de Jesus está tão perto que pode vir a ocorrer “a qualquer momento”. Tanto o verso 10 quanto o verso 12 de Apocalipse 22 enfatizam a brevidade do tempo em relação à vinda de Jesus.

Beale (1999, p. 1131) declara, porém, que o texto de Apocalipse 22:11 “é teologicamente mais difícil do que Daniel 12:10 por ser apresentado como exortação [imperativo] e não meramente como uma afirmação do fato”. Ou seja, o texto em 22:11 ordena que os injustos e imundos continuem a praticar injustiças e a serem imundos, e não simplesmente “revela” que os injustos e imundos permaneceriam numa condição de rebelião contra Deus e sua lei apesar da graça de Cristo para a salvação (22:21; 1:5) e apesar dos juízos tenebrosos que cairiam sobre eles (Ap 9:20-21; 16:11). O texto, entretanto, foi escrito da perspectiva cristã e divina e isso elimina qualquer aprovação ou ordenação do pecado da parte de Deus. Faz mais sentido

afirmar que os imperativos para que o injusto/imundo permaneça nessa condição tenha por objetivo impressionar o cristão indeciso a se posicionar firmemente ao lado do Senhor, deixando de lado a covardia (21:8), mornidão (3:15-16) ou infidelidades em geral. Deve ser terrível para um cristão que está flertando com a injustiça ouvir o imperativo: “Continue o injusto fazendo injustiça, continue o imundo ainda sendo imundo”, e a perspectiva de ver-se escravizado ao mal e condenado. Obviamente, porém, o texto também se dirige, ou pelo menos se refere aos próprios injustos/imundos que fixaram suas escolhas, de forma definitiva na injustiça e na imundície e vão ser julgados por isso.

Os termos “injusto” e “imundo” resumem o caráter daqueles que praticam os pecados descritos em 21:8 e 22:5 e não se arrependem para serem libertos pelo sangue de Jesus Cristo (1:5). O verbo grego *ἀδικέω* (“fazer injustiça”) é usado no livro de Apocalipse, em grande medida, para descrever o ato de “causar dano” (6:6; 7:2-3; 9:4, 10; ver 11:5), enquanto o adjetivo *ῥυπαρός* (“imundo”) é usado unicamente nessa passagem em todo o NT e significa alguém moralmente impuro.

Por outro lado, “justiça” e “santidade” são atributos primeiramente pertencentes a Deus no livro de Apocalipse (ver 4:8; 6:10; 16:5), mas que também são conferidos a seres humanos que estão em contraposição ao grupo dos injustos e imundos por praticarem obras justas em comparação àqueles (19:8). Ainda assim, não há que se levar tal descrição à implicação de que tais justos e santos sejam perfeitos no sentido de absoluta ausência de qualquer dimensão de pecado neles.

O próprio texto indica que os justos devem continuar na prática de justiça e os santos a se santificar, e, segundo o consenso das Escrituras, o processo de santificação jamais atinge seu fim nesta vida (ou antes da glorificação). Portanto, é equivocado buscar nessas descrições implicações de perfeição que terminam por negar a pecaminosidade universal dos seres humanos na visão bíblica em geral (Ec 7:20; Rm 3:23; 5:12; 1 Jo 1:8) e na visão apocalíptica especificamente, uma vez que João fala dos “nossos pecados” (1:5) e revela-se pecador na própria narrativa do livro (19:10; 22:8-9). Também é importante lembrar nesse contexto que justiça e santidade não são qualidades de caráter reservados unicamente aos seres humanos que estarão vivos no fim do mundo, mas partilhados pela humanidade pecadora em toda a história da relação humana com Deus através da fé (ver 1 Jo 2:29; Jd 3).

Por fim, em uma extraordinária sentença, por ser escrita por um não adventista ao mesmo tempo em que reflete amplamente a interpretação adventista sobre Apocalipse 22:11, Charles (1920, p. 221-222) escreve:

Em Apocalipse 21:6, aqueles que têm sede de uma nova vida recebem a promessa de satisfação, mas aqui a porta da misericórdia está fechada. O verso 11 pressupõe que o caráter de cada pessoa chegou ao ponto de uma inabalável perseverança no



mal ou no bem, mesmo que ainda exista um intervalo entre essa visão e o segundo advento. Mas esse tempo é próximo.

Dessa forma, o texto de Apocalipse 22:11 é intrigante por seus imperativos aparentemente a favor da injustiça e da imundície. Uma análise do texto, porém, identificou razões claras pelas quais podemos concluir que os imperativos apenas retratam através de elementos retóricos e conceituais que chegará um momento no qual a humanidade amadurecerá suas escolhas e disposições e as fixará para sempre além de possibilidade de qualquer mudança. Quando isso ocorrer, estará fechada a porta da graça para todo o sempre em sentido universal, então as pragas cairão e, no fim desse processo, Jesus Cristo retornará para a salvação de uns e perdição de outros.

Apocalipse 14:9-12: um texto negligenciado

Além dos argumentos acima, eu gostaria de expor a relevância de um texto que creio ser negligenciado na discussão específica sobre o “fechamento da porta da graça” escatológico e universal. Os capítulos 12–14 pertencem ao centro teológico do livro de Apocalipse, no qual o grande conflito entre Cristo e Satanás (11:19–13:18) é a visão central. Stefanovic (2002, p. 39) provê o seguinte esboço para o conteúdo total do livro:

61

- A. Prólogo (1:1-8);
 - B. Promessas ao vencedor (1:9–3:22);
 - C. A obra de Deus para a salvação da humanidade (4:1–8:1);
 - D. A ira de Deus misturada com misericórdia (8:2–9:21);
 - E. A comissão para João profetizar (10:1–11:18);
 - F. O grande conflito — Cristo e Satanás (11:19–13:18);
 - E'. A igreja proclama o Evangelho Eterno (14:1-20);
 - D'. A ira final de Deus sem mistura de misericórdia (15:1–18:24);
 - C'. A obra de Deus para a salvação da humanidade completada (19:1–21:4);
- B'. O cumprimento das promessas aos vencedores (21:5–22:5);
- A'. Epílogo (22:6-21).

Apesar de a visão central do livro ser delimitada por Stefanovic como estando em 11:9–13:18, é inegável que a visão apocalíptica do grande conflito atinge um clímax na história humana quando o “evangelho eterno” é pregado a “todos os que se assentam sobre a terra” (14:6). Tal pregação mundial indica que a glória do evangelho está brilhando sobre todo o mundo (18:1) e que todos agora podem tomar sua decisão

em relação à verdade divina de forma pessoal. Por isso, a mensagem de Apocalipse 14 enfatiza fortemente a primazia do cordeiro (v. 1, 10, 14). Proponho que é nesse contexto que surgirá a pista mais importante sobre o momento do fechamento da porta da graça escatológico e universal de todo o livro.

Os paralelos linguísticos entre as três mensagens angélicas (14:6-12) e a voz do céu (14:13)⁶ coloca a terceira mensagem angélica no centro dessa unidade literária. No centro da terceira mensagem angélica em si, temos uma visão dos adoradores da besta sendo destruídos na presença do Cordeiro e dos santos anjos (14:9-10). A ideia mais interessante nessa ideia é a condicionalidade da adoração à besta e à sua imagem e do recebimento de sua marca na frente ou sobre a mão (14:9). Isso indica aspectos muito esclarecedores.

O texto de Apocalipse 12:9-10 está pronunciando uma condenação antecipada sobre seres humanos que livremente adorarem à besta e sua imagem e receberem sua marca sobre a frente ou mão. É dito que eles “beberão do vinho da cólera de Deus, preparado, sem mistura, do cálice da sua ira e serão atormentados com fogo e enxofre na presença do Cordeiro e dos santos anjos”. Essa condenação antecipada marca o “fechamento da porta da graça” para aqueles que assim agirem na pressuposição de que Deus cumpre tanto suas promessas quanto suas ameaças. Portanto, quando o mundo todo finalmente decidir-se em relação à adoração a Deus ou à besta, e então fixar essa livre escolha ao receber a marca que identifica um (7:1-3; 14:1-5) ou outro poder (13:16-18) na controvérsia, então a porta da graça finalmente estará fechada em sentido escatológico e universal. Até aquele momento, há salvação pela graça para “quem quiser” (22:17, 21).

Não pertence ao escopo deste artigo definir o que sejam exatamente as “marcas” que identificam a lealdade dos seres humanos a Deus ou à besta e nem qual evento ou processo histórico determinará o fechamento da porta da graça. Isso desviaria nosso foco para uma ampla e corrente discussão no mundo cristão de forma geral e no mundo adventista de forma específica. Simplesmente afirmo que o recebimento da marca da besta, seja lá o que for, quando ocorrer nos termos profetizados pelo Apocalipse, será o equivalente apocalíptico da “blasfêmia contra o Espírito Santo”, o pecado que não tem perdão (Mt 12:31), e quem cometer esse pecado específico será excluído do Reino de Deus para todo o sempre.

Por isso, a vitória do povo de Deus na questão do fechamento da porta da graça significa, primariamente, uma vitória “sobre a besta, sua imagem e o número do seu nome” (15:2). Através dessa vitória, o povo de Deus demonstra que, pelo sangue de Jesus Cristo derramado em seu favor, ele não ama egoisticamente a própria vida (12:12), nem troca a fidelidade ao Céu pelo “comprar ou vender” (13:17), que simboliza os privilégios

.....

⁶ O verbo *adorar* em 14:7 e 14:9; o substantivo *vinho* em 14:8 e 14:10; e a ideia do *descanso* em 14:11 e 14:13 colocam a terceira mensagem angélica no centro dessa unidade literária.



desta vida aliados aos objetivos centrados naquilo que o mundo oferece debaixo do governo de seu “príncipe” (Jo 14:30), o mesmo que deu sua autoridade e trono à besta a fim de receber adoração e lealdade indevidas (Ap 13:2-4; ver Mt 4:9-11).

A vitória do povo de Deus nesse tempo angustioso, portanto, não está centralizada em uma suposta capacidade ou necessidade de atingir uma condição espiritual de perfeição sem paralelos na história cristã desde os tempos do NT, mas em sua disposição de adorar fielmente a Deus em obediência e fé em meio a qualquer situação, mesmo em meio à pior crise de lealdade jamais experimentada em toda a história humana. Essa adoração fiel envolve, sim, a manifestação de uma ampla fidelidade a Deus nos termos de uma real vitória contra múltiplas dimensões da experiência de pecado comum à humanidade dos últimos dias (Ap 14:12; ver 1Jo 3:4), mas jamais significa, na Bíblia, a capacidade de extrapolar os limites da realidade humana marcada pelo pecado e ainda não definitivamente liberta de todos os resquícios de tais marcas, o que só ocorrerá através da glorificação (1Co 15:50-55; ver 1Jo 1:8-10; Fp 3:12-16). Esse fato é corroborado por Ellen G. White (1980, p. 355) nos seguintes termos:

Não podemos dizer: “Estou sem pecado, até que seja transformado este corpo abatido, para ser igual ao corpo da Sua glória. Se, porém, procuramos constantemente seguir a Jesus, pertence-nos a bendita esperança de ficar em pé diante do trono de Deus, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante; completos em Cristo, envoltos em Sua justiça e perfeição.

63

Assim, o texto de Apocalipse 14:9-12 nos ajuda a entender questões cruciais sobre o fechamento da porta da graça universal e escatológico, ainda que esclarecimentos mais precisos devam aguardar o desenrolar da história futura que certamente já se insinua no horizonte dos tempos em que vivemos hoje. Podemos afirmar que a condenação antecipada, lançada sobre um mundo de seres humanos que adoram a besta e sua imagem e recebem sua marca na mão ou sobre a frente, é uma imagem do fechamento da porta da graça escatológico e universal.

Considerações finais

O conceito adventista de um “fechamento da porta da graça” escatológico e universal é singular no mundo cristão. Esse conceito gera muitos debates fora e dentro da teologia adventista, especialmente em função de polêmicas relativas à obra de Ellen G. White. Ainda assim, cremos que ele tem ampla base bíblica em múltiplos e ricos detalhes.



Vimos neste artigo como o livro de Apocalipse é particularmente útil e elucidativo em torno dessa questão específica e traça todos os contornos essenciais dessa doutrina de forma clara. Assim, concluímos que um fechamento da porta da graça escatológico e universal faz parte da mensagem bíblica, especialmente a partir do livro de Apocalipse.

Referências

AUNE, D. E. **Word Biblical commentary**: Revelation 6-16. Dallas: Word, 2002.

BARTON, J.; MUDDIMAN, J. **Oxford Bible commentary**. Nova York: Oxford University Press, 2001.

BEALE, G. K. **The book of Revelation**: a commentary on the Greek Text. Grand Rapids; Inglaterra: Carlisle; Eerdmans; Paternoster, 1999.

BEALE, G. K.; MCDONOUGH, S. M. Apocalipse. In: BEALE, G. K.; CARSON D. A. (Orgs.). **Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2014.

CHARLES, R. H. **A critical and exegetical commentary on the Revelation of St. John**. Edimburgo: T&T Clark International, 1920.

JOHNSSON, W. G. Apocalíptica Bíblica. In: DEDEREN, R. (Ed.). **Tratado de teologia adventista do sétimo dia**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

KIGNHT, G. **A visão apocalíptica e a neutralização do adventismo**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2010.

LICHTENWALTER, L. L. Transformação da cosmovisão e missão: narrativa, teologia e ritual no Apocalipse. In: SOUZA, E. B. (Org.). **Teologia e metodologia da missão**. Cachoeira: CePlib, 2011.

OSBORNE, G. R. **Revelation**. Grande Rapids: Baker Academic, 2002.

PAULIEN, J. **The deep things of God**: an insider's guide to the book of Revelation. Hagerstown: Review and Herald, 2004.



STEFANOVIC, R. **Revelation of Jesus Christ**: commentary on the book of revelation. Berrien Springs: Andrews University Press, 2002.

_____. The angel at the altar (Revelation 8:3-5): a case study on intercalations in Revelation. **Andrews University Seminary Studies**, v. 44, n. 1, p. 79-94, 2006.

STERN, D. H. **Jewish New Testament Commentary**: a companion volume to the Jewish New Testament. Clarksville: Jewish New Testament Publications, 1996.

WHITE, E. G. **A Ciência do bom viver**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2006.

_____. **Cristo em seu santuário**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1969.

_____. **Eventos finais**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1992.

_____. **Life sketches of Ellen G. White**. Boise: Pacific Press, 1915.

_____. **Mensagens escolhidas**. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1985. v. 1.

_____. **Mensagens escolhidas**. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1980. v. 3.

_____. **O Desejado de todas as nações**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2000.

_____. **O grande conflito**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2001.

_____. **Patriarcas e profetas**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1997.

_____. **Primeiros escritos**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1988.

_____. **Spiritual gifts**. Battle Creek: Seventh-day Adventist Publishing Association, 1858. v. 3.

_____. **Testimonies for the church**. Boise: Pacific Press, 1855. v. 2.